



**DESAFIOS
METODOLÓGICOS
DO ENSINO DE
FILOSOFIA NA 1^a
SÉRIE DO ENSINO
MÉDIO DO COLÉGIO
ESTADUAL MARIA
ASSUNÇÃO DE
AZEVEDO**

*Pedro Marques
Alcântara e Souza*

Possui Licenciatura em Filosofia pelo Claretiano Centro
Universitário. Especialização em Ensino de Filosofia e
Sociologia. (FAEL). Atualmente é professor do Colégio
Estadual Maria Assunção de Azevedo. CRE-Ceres.
E-mail: ppmarkes_2@hotmail.com.

Resumo

O presente artigo relata os Desafios Metodológicos do Ensino de Filosofia no 1º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo em Carmo do Rio Verde-GO. Para tanto, foi realizada uma análise da bibliografia sobre o processo de ensino de Filosofia passando por Aristóteles, Campaner, Freire, Hegel, entre outros e uma narração descritiva de experiência profissional, abordando uma relação entre os modos de ensino, o processo avaliativo e a prática docente.

Palavras-chave: Desafios pedagógicos. Processo de Ensino. Filosofia

Abstract

This article reports the Methodological Challenges of Teaching Philosophy in the 1st year of High School at School Estadual Maria Assunção de Azevedo in Carmo do Rio Verde-GO. To this end, an analysis of the bibliography on the process of teaching Philosophy through Aristotle, Campaner, Freire, Hegel, among others, and a descriptive narrative of professional experience in the teaching process, approaching a relationship between teaching modes, the evaluation process and teaching practice.

Keywords: Pedagogical challenges. Teaching Process. Philosophy.

INTRODUÇÃO

Os desafios metodológicos do ensino de Filosofia na 1ª série do Ensino Médio no Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo representam o norte central deste trabalho. No contexto atual, muito se questiona sobre o ensino de Filosofia e sua importância na composição do currículo programático do Ensino Médio. Dessa situação decorrem inúmeros desafios no processo de ensino, sobretudo no primeiro ano, pois os alunos, na maioria das vezes, desconhecem a importância do ensino Filosofia e de sua aplicação na construção do conhecimento. Da mesma forma os docentes não são motivados, ou mesmo, não são capacitados para assumir a árdua tarefa de apresentar esta disciplina tão cara e ao mesmo tempo exigente. Partindo dos questionamentos sobre a metodologia do ensino de Filosofia para a primeira série do Ensino Médio e das angústias vividas por docentes que trabalham com este público, o presente artigo visa propor uma análise sobre os desafios metodológicos ora encontrados.

O modesto trabalho justifica-se por considerar de grande relevância o ensino de Filosofia no Ensino Médio, em especial na primeira série, quando os alunos oriundos do Ensino Fundamental, em sua grande maioria, têm um primeiro contato com a Filosofia, pois, a Filosofia, apesar de toda sua abrangência e amplitude, não deixa de ser uma região peculiar da curiosidade humana (ROCHA, 2010).

Assim, há de se considerar que as angústias do nosso tempo e os desafios metodológicos enfrentados na prática docente, a partir de uma análise, servirão como contribuição, para que, o exercício do filosofar ocorra de modo efetivo e como base de reflexão para possíveis mudanças de estratégias de ensino no âmbito da realidade escolar.

A questão a ser discutida é: quais são os desafios metodológicos enfrentados no processo de ensino de

Filosofia na 1ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo, que sempre fizeram parte do processo de ensino desta disciplina?

Acerca do processo de ensino, Braida afirma: “A História da Filosofia simplesmente nos diz que tudo pode ser ensinado e tudo pode ser dispensado” (BRAIDA, 2010, p. 11). Porém, cabe-nos as seguintes perguntas: o que ensinar? Como ensinar? Quais os desafios encontrados no processo de ensino? E como avaliar este processo? Questões como estas, nortearão o presente trabalho e proporcionará uma visão ampla do processo de ensino-aprendizagem na 1ª série do Ensino Médio.

Espera-se que com este artigo fazer uma análise crítica acerca do ensino de Filosofia na 1ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo, com destaque para os desafios metodológicos postos pela pandemia do novo coronavírus, possibilitando uma alternância no método a ser utilizado no processo de ensino.

DESENVOLVIMENTO

1. Os modos de ensino da filosofia

Transcorridos vários séculos de sua gênese, desde os primórdios da Filosofia Grega seu processo de ensino foi discutido, pois sempre se questionou: o que ensinar? E como ensinar? Por um lado, alguns teóricos salientam a importância do ensino da História da Filosofia como elemento constitutivo para base de compreensão racional do conhecimento, enquanto que para outros, deve-se ensinar conceitos da Filosofia que estão mais próximos dos alunos, de sua realidade.

De todo modo, não se pode desprezar que a Filosofia atua significativamente no “desenvolvimento cognitivo dos educandos, amplia as possibilidades de compreensão do mundo e corrobora para uma me-

lhor compreensão dos objetos de conhecimentos relacionados a outras áreas do conhecimento” (VAZ, 2015, p. 32).

De muitos modos, a Filosofia foi transmitida e ensinada, seja pela tradição oral, ou escrita. Neste sentido, há de se considerar que desde os primeiros filósofos como Tales de Mileto, Heráclito, Parmênides, Demócrito e tantos outros até os filósofos contemporâneos a importância e necessidade da transmissão do conhecimento filosófico continua intensa, pujante e viva.

Na perspectiva do ensino da Filosofia, enquanto arte de ensinar, Demócrito (1996) afirma que é preciso forjar muitos pensamentos, não muitos conhecimentos, uma vez que o ensino de Filosofia deve propiciar a construção de pensamento e não ser meramente uma transmissão de conhecimento e informações.

Na escola Hegeliana, a arte do ensino filosófico perpassa pela história da Filosofia, a qual constitui fundamentalmente o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, o próprio filosofar, no alcance do conhecimento. Assim, pode-se aferir que é por meio do estudo da História da Filosofia que se encontra a gênese do conhecimento, bem como, seu desenvolvimento e seus suscetíveis acontecimentos. Hegel afirma que:

A História da Filosofia representa a série dos espíritos nobres, a galeria dos heróis da razão pensante, os quais, graças a essa razão, lograram penetrar na essência das coisas, da natureza e do espírito, na essência de Deus, conquistando assim com o próprio trabalho o mais precioso tesouro: o do conhecimento racional. (HEGEL, 1974, p. 85)

Um dos maiores desafios aos docentes de Filosofia na 1ª série do Ensino Médio é confrontar-se com

um currículo tradicional, conforme salienta a escola Hegeliana, indo numa sequência cronológica da História da Filosofia desde a fundação com Tales de Mileto, Heráclito, Parmênides, Pitágoras, passando por Sócrates, Aristóteles, Platão, Descartes, até os dias de hoje, conforme pondera Rodrigo.

O modelo mais tradicional de programa centrado na História da Filosofia consiste em apresentar uma sequência cronológica dos pensadores, desde Tales de Mileto até hoje, numa abordagem que prescinde do contato direto com o pensamento dos filósofos restringindo-se basicamente a uma narração e síntese da vida, obra e principais ideias dos filósofos, organizados de modo classificatório, segundo os sistemas de pensamentos que estão vinculados. (RODRIGO, 2014, p.45)

O ensino apresentado por Rodrigo é o que incide sistematicamente em nossas escolas, ou seja, na prática os objetos de conhecimento da Filosofia são apresentados de forma cronológica, com a apresentação de diferentes sistemas filosóficos, vida e obra de teóricos e que expõe ao discente o pensamento de determinados filósofos.

Corroborando com Rodrigo, Schutz e Schwengber sinalizam a grande relevância do ensino da História da Filosofia.

Se não buscarmos o sentido no fio proveniente da tradição, o pensamento se vê, assim, na difícil tarefa de encontrar o sentido sem poder contar com os padrões universais estabelecidos como tais pelo passado. A “herança sem testamento”, como a situação do pensamento no mundo contemporâneo, que nos alerta Arendt na obra *Entre o Passado e o Futuro* (2013), obriga a filosofia a se reconciliar com a existência e a buscar a sua significação no seu âmbito mesmo, e não em outro mundo ou numa legalida-

de ou conhecimento do curso histórico no seu todo. (SCHUTZ; SCHWENGBER, 2018, p. 9)

Por outro lado, Campaner, salienta que é preciso ter em mente uma reflexão sobre o que se ensina, para que, o que for ensinado promova o ingresso do aluno no universo da problemática filosófica.

A questão do ensino de Filosofia exige que nos dediquemos a refletir sobre “o que” e “como” ensinar. Não é produtor simplesmente tomarmos os conteúdos transmitidos no ensino superior e adequá-los ao jovem estudante. Devemos pensar, num programa e numa forma específicas de ensinar filosofia para o ensino médio que o tome como uma etapa também específica do aprendizado, com regras e exigências próprias. [...] O ensino de Filosofia deve introduzir o estudante no universo da problemática filosófica, fazendo-o ver que esse é o universo das possibilidades. A discussão filosófica permite que o caminho de um programa e/ou de temas a serem perpassados, caminho esse traçado inicialmente, possa ser modificado de acordo com o desenrolar de questões que porventura mobilizem os alunos e o professor. (CAMPANER, 2012, p. 25-27)

Na atualidade, Gallo e Kohan sintetizam que o processo do ensino de Filosofia se dá pelos seguintes aspectos:

História da Filosofia: entender a Filosofia por meio de seu trajeto histórico. Conteúdos filosóficos: os conceitos de liberdade, verdade e justiça defendidas por grandes filósofos como: Platão, Sócrates e Descartes entre outros. Problemas filosóficos: como corpo, mente a existência de Deus. (GALLO; KOHAN, 2000, p.17)

Em outras palavras, é preciso compreender toda trajetória da Filosofia e seu processo histórico, bem

como, a sua relação com os conteúdos filosóficos (conceitos e problemas) e seus teóricos para garantir um processo de ensino-aprendizagem eficaz. Desta sorte, entende-se que é no processo de ensino que acontece a possibilidade do conhecimento racional e que a partir dele emana a práxis filosófica, ou seja, a construção do saber, como bem compreende a etimologia da palavra Filosofia. *Philos* (amigo) + *Sophia* (sabedoria) amizade à sabedoria. Contudo, há de se aferir quais são os desafios metodológicos encontrados no processo de ensino para que, a partir de uma análise, se possa refletir qual o caminho a seguir na eficácia da construção do pensamento e de seu desenvolvimento.

A Filosofia, enquanto instrumental para a construção do saber, viabiliza-se com vários recursos, entre eles, o docente, que assume o papel de mediador do saber teórico e prático. Não é ele quem ensina, mas serve como um elo entre o conhecimento teórico e a prática, por isso, é justo e necessário que em todo o processo da arte de ensinar Filosofia, seja o docente um fiel colaborador entre a História da Filosofia, conceitos e problemas filosóficos e um verdadeiro estimulador dos conhecimentos de seus discentes. Pois, “a alma de quem aprende deve ser cultivada por meio de hábitos que, introduzem quem aprende a gostar e a desgostar acertadamente, à semelhança da terra que deve nutrir a semente”. (ARISTÓTELES, 1992, p.195).

Considerando o processo de ensino de Filosofia do Ensino Médio, Souza afirma:

Quanto a esta problemática, existe um debate acalorado entre os pesquisadores e professores da educação básica. Alguns preferem trabalhar conteúdo da disciplina partindo da reflexão sobre determinadas temáticas. Outros, em contrapartida, utilizam a história da Filosofia como um principal procedimento. (SOUZA, 2017, p. 76)

Assim, efetivamente pode-se aferir que um dos desafios metodológicos latentes no seio do processo de ensino de Filosofia perpassa pela seguinte pergunta: o que ensinar? Ensina-se História da Filosofia? Ou ensina-se conceitos e problemas filosóficos? Ou ainda, estimula-se a pensar? A partir do exposto surge a necessidade de uma pesquisa, reflexão acerca dos desafios metodológicos enfrentados por professores na prática pedagógica do ensino de Filosofia.

A inserção da Filosofia no currículo programático do Ensino Médio é uma discussão que há tempos vem sendo feita no Brasil, ora obrigatória, ora como disciplina complementar ao currículo, como nos é apontado por Campaner.

Os momentos são, no entanto, distintos, pois se a presença da Filosofia no currículo do Ensino no período colonial justificava-se pela necessidade de catequizar os indígenas e africanos, além de manter os colonos próximo à Igreja Católica - ela confundia-se então com o ensino Religioso -, e posteriormente para prover as classes abastadas de uma educação nos moldes da metrópole, essa presença foi muitas vezes interrompida, e sua ausência durante os anos 1970 e 1980, assim como sua volta posterior, têm motivos distintos. A lei 9394/96, que inclui o ensino de Filosofia no Ensino Médio depois dessa longa ausência, é a expressão do ideário neoliberal e apresenta uma concepção aparentemente avançada. (CAMPANER, 2012, p.11)

De todo modo, a nossa proposta principal não é discorrer sobre o problema da inserção curricular da Filosofia no Ensino Médio, porém não podemos deixar passar sem mencionar essa instabilidade na inserção curricular da disciplina de Filosofia. Tudo isso, por sua vez, compromete o processo de ensino, gerando algumas dificuldades, entre elas: desbotando a própria natureza da disciplina, que é proporcio-

nar ao discente um pensamento autônomo, crítico e independente.

A partir daí podemos nos questionar, mas afinal, qual a importância do ensino de Filosofia? Qual é o papel do professor de Filosofia frente ao seu ensino? A partir de questionamentos como estes que propus o presente trabalho.

Quanto à escolha do tema, se deu, considerando quatro elementos, a saber: (01) Está próximo a mim; (02) É um tema que inquieta o meu coração, enquanto professor; (03) Se faz sensível à ocasião e (04) Sempre esteve presente na história dessa arte. Há dois anos que ministro aulas de Filosofia para alunos do ensino médio, um recém-nascido na docência e é a partir da prática docente que irei expor algumas dificuldades enfrentadas no âmbito de ensino de Filosofia, do Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo, em Carmo do Rio Verde - GO, onde hoje sou docente, mas que por dez anos fui discente.

No âmbito geral, posso dizer que vivendo as duas fases educacionais, discente e docente na mesma escola, hoje consigo, de modo claro, ajuizar alguns desafios enfrentados no processo de ensino de Filosofia. E esses desafios, com identidades próprias, são praticamente os mesmos em todas as primeiras séries do Ensino Médio, mudam-se somente de endereço. Neste sentido procurarei discorrer sobre três desafios, sendo: (01) Discentes que chegam do nono ano ao Ensino Médio e que em sua grande maioria desconhecem a Filosofia. (02) O que ensinar? Como ensinar? e (03) Como avaliar esse processo? E a partir daí promover uma reflexão acerca do processo de ensino-aprendizagem na 1ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo.

A chegada dos alunos à 1ª série do Ensino Médio é sempre um momento de muitas expectativas e conseqüentemente de muitos desafios. É nesse contexto que, os(as) alunos(as) vão retomar de forma

mais profunda aquilo que fora estudado no Ensino Fundamental, inclusive as Ciências Exatas, como a Matemática e suas Tecnologias e as Ciências da Natureza, etc.

Por outro lado, vão adentrar mais profundamente no vasto oceano das Ciências Humanas, e por sua vez, terão um primeiro contato com a Filosofia. É nesse período também que os alunos começam a delinear o seu projeto de vida, bem como, sua carreira profissional.

E a partir deste desafio surge outro: como apresentar aos discentes que na esmagadora maioria das vezes nunca tiveram contato com a Filosofia, ou mesmo nunca ouviram falar dessa disciplina, que nos é tão cara e tão importante? Antes, porém, de adentrarmos nessa reflexão podemos nos perguntar: qual o sentido e a importância da Filosofia no Ensino Médio?

Muitas foram as razões para retirar a obrigatoriedade da Filosofia no Ensino Médio, porém muitos foram os argumentos para sua inserção ao currículo, neste sentido, salienta Campaner.

Uma das garantias de sua sobrevivência está na contribuição que a Filosofia tem a dar para a formação de uma vida ética e política. Para tanto, é necessária a elaboração de propostas concretas para o seu ensino, de modo que não sejam somente propostos os conteúdos, mas que se atente principalmente ao modo como tais conteúdos serão desenvolvidos pelos alunos. (...) A tarefa da Filosofia pode ser definida como uma confrontação polêmica com a atualidade para interpretá-la. (CAMPANER, 2012, p. 14-15)

Deste modo, é possível aferir que, no que concerne à aplicabilidade dos conteúdos e o desenvolvimento dos alunos, o professor assume uma posição dialógica e exegética à qual proporcionará em seus discen-

tes a constituição de argumentos e problemas que os permitem aprofundar a própria percepção sobre a realidade, abordando temas como a ética e a política de forma crítica que, indubitavelmente, favorecerá a sua emancipação enquanto cidadãos, emergindo daí, uma das importâncias para o ensino. Em outro momento Campaner (2012), nos aponta que o ensino de Filosofia deve introduzir o estudante no universo da problemática filosófica, fazendo-o ver que esse é o universo das possibilidades.

Por outro lado, considerando a Filosofia como disciplina do Ensino Médio, Rodrigo apresenta que:

O objetivo central, para o qual devem convergir os esforços e a metodologia a ser implementada, consiste em introduzir o aluno à Filosofia, quer dizer, levá-lo para dentro ou inseri-lo numa forma específica de saber, em duplo aspecto: em relação a determinado conteúdo e a certos procedimentos concernentes à aquisição desse conteúdo (RODRIGO, 2014, p.24)

Desta feita, é possível pontuar que a metodologia a ser implementada no processo de ensino de Filosofia, aos nossos olhos, é aquela que possibilite ao discente a inserção à Filosofia, não somente como um saber teórico, mas como uma atitude, uma prática reflexiva. Ademais, no primeiro parágrafo, do terceiro volume das Orientações Curriculares para o Ensino Médio do Ministério da Educação, se lê:

A Filosofia deve ser tratada como disciplina obrigatória no Ensino Médio, pois isso é condição para que ela possa integrar com sucesso projetos transversais e, nesse nível de ensino, com as outras disciplinas, contribuir para o pleno desenvolvimento do educando (BRASIL, 2006, p.15)

Portanto, considerando a importância do ensino de Filosofia no Ensino Médio, sobretudo, na primeira série, se dá em torno da formação de uma vida ética e política do discente, bem como, sua inserção numa forma específica do saber que servirá de alicerce para a assimilação e compreensão de outras áreas e de seus objetos de conhecimento. Ou seja, o ensino de Filosofia seria para o universo do saber aquilo que a enxada é para o agricultor cultivar a terra. Em suma, é aquele instrumento com o qual será possível limpar, cultivar, escavar e aprofundar o conhecimento.

Dada a importância do ensino da Filosofia, voltamos a um desafio no processo de ensino na etapa do Ensino Médio, a saber: os discentes que chegam do 9º ano do Ensino Fundamental no Ensino Médio e que, em sua grande maioria, desconhecem a Filosofia. Com clareza meridiana é possível aferir que, isso acontece, porque os discentes não tiveram contato com a Filosofia nas duas etapas do Ensino Fundamental. Partindo dessa premissa é possível concluir que, realmente é impossível “amar aquilo que não se conhece”¹.

Um outro desafio a ser considerado é o processo motivacional do aluno, oriundo do Ensino Fundamental e a expectativa do docente. Neste sentido, Rodrigo discorre:

Um equívoco comum ao especialista consiste em atribuir aos outros o mesmo grau de interesse que ele próprio possui por sua área de conhecimento. Para não incorrer nesse erro, convém, primeiramente, indagar que motivação ou interesse pode ter o aluno do nível médio pelo estudo de

Filosofia. Ao iniciar o trabalho na disciplina o professor não pode, obviamente, contar com nenhum interesse prévio do aluno pela Filosofia; no caso do adolescente, não se pode encarar a motivação como um “requisito a priori”, nem como uma questão de “vocação pessoal” (Martini, s/d). Menos ainda, para fugir a outra possível idealização, se deve crer que esse aluno sinta alguma necessidade de conhecimento filosófico. A esse respeito declara Gérard Lebrun: “Nunca acreditei que um estudante pudesse orientar-se para a filosofia porque tivesse sede de verdade: a fórmula é vazia” (apud FAVARETTO, 1995, p. 79). Em contrapartida, vale lembrar que, além de não ser uma opção pessoal do estudante de nível médio cursar filosofia, no seu percurso escolar, ele acaba sendo induzido a priorizar uma formação técnica profissionalizante e/ou a preparação para prestar um vestibular. Neste território, fica difícil atribuir signifi caç o   Filosofia: Ela não   disciplina profissionalizante nem tem sido, como regra geral do vestibular. Impossível, portanto, situar um eventual interesse pela aprendizagem filosófica no horizonte dos objetivos práticos utilitários inerentes à escola de nível médio. (RODRIGO, 2014, p.35)

Neste cenário, podemos nos perguntar: “E agora, José?”² Pois bem, iniciei este parágrafo com a expressão do venerado poeta Carlos Drummond de Andrade, que, de certa feita, revela o sentimento de solidão e abandono quando nos deparamos com este desafio. Pois bem,   este sentimento que muitas vezes aflige o coração deste professor de filosofia. E aqui se faz mister mencionarmos a máxima atribuída a Sócrates: “Procurai fazer com ânimo, tudo aquilo que precisa ser feito”.

¹Frase atribuída a Agostinho de Hipona sobre o amor e conhecimento.

²Se refere ao poema “José” de Carlos Drummond de Andrade que foi publicado originalmente em 1942, na coletânea Poesias. Estampa o sentimento de solidão e abandono do indivíduo na cidade grande, a sua falta de esperança e a sensa o de que está perdido na vida, sem saber que caminho tomar. E que em muitas das vezes se aplica ao professor que se depara com a realidade que o cerca, sobretudo o professor recém chegado da academia.

Ademais, com ânimo sacramentado pelo magnífico filósofo, adentremos em outro desafio - creio que um dos mais latentes - posto no sagrado ofício do docente: o que ensinar? como ensinar?

Ao referirmos ao que se ensina (currículo) e a avaliação é possível considerar que, a estes conceitos, apresentam-se várias tendências, porém, deliberamos nos ater a dois, a saber: o primeiro consideramos o currículo como os conhecimentos selecionados e estruturados para compor as etapas do processo de ensino em perspectiva crítica e política. Já o segundo, ponderamos a partir de análise e diagnóstico.

Muitas são as discussões em torno do processo de ensino. Ensina-se Filosofia sua história e seus conceitos, ou se ensina a filosofar? Antes de aprofundarmos nesta pergunta, é justo e imprescindível que recorramos à etimologia do verbo ensinar, do latim *insignare* e que numa tradução livre pode ser tida como: “dar um significado”. Assim, toda a prática do professor é dar significado ao processo de ensino, seja o que ensina, seja à maneira que ensina.

O ato de ensinar perpassa por um processo de formulação de problema tanto prático quanto teórico. Logo há de se ensinar só a história e conceitos da Filosofia, ou há de se ingressar o discente no universo da problematização filosófica sem aderir a seus métodos. E decorrendo deste desafio, vislumbra-se outro, seja sentado às cadeiras da sala de aula ouvindo a História da Filosofia e seus conceitos, seja sendo estimulado pelo docente a refletir sobre a problemática filosófica, como avaliar o processo de ensino aprendizagem do aluno? Uma vez que se encontra na 1ª série - é justo salientar que

não é tão somente na 1ª série, mas também na 2ª e 3ª séries - do Ensino Médio alunos com considerável dificuldade de compreensão, problematização e interpretação de textos.

2. O processo avaliativo no ensino de filosofia

Compreendo que o processo avaliativo se ocupa com a formação analítico-crítica do aluno, visando garantir a assimilação dos objetos dos conhecimentos propostos pelo currículo. Por outro lado, é no processo avaliativo que se encontra a maior missão do professor: a de apreciar, contemplar, retificar, re- vigorar e ressignificar aquilo que foi assimilado pelo seu aluno. Desta feita, conclui-se que, o professor em sua essência é aquele que propala, através do processo avaliativo, o alcance do aprendizado de seu aluno em maior ou menor grau.³

É neste exato momento que, o sagrado ofício do professor de Filosofia se torna mais desafiador, uma vez que:

A Filosofia não é doutrinária. Estabelecer linhas de pensamentos e restringir ou exigir o ensino de certos autores significa sufocar a própria possibilidade que a Filosofia traz de abrir o espaço para a manifestação dos jovens em sala de aula, seja expondo e discutindo seus argumentos ou as concepções dos filósofos propostos. (CAMPANER, 2012, p. 26)

Atualmente, definida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei nº 9.394/1996 (BRASIL,1996) e a Base Nacional

³Pois bem, esta minha compreensão do processo avaliativo se deu no transcurso da disciplina Currículos e Avaliação nos contextos da formação de Professores ministrada pela Prof.^a Dra. Lorena de Almeida Cavalcante, enquanto discente do curso de Pós Graduação Lato Sensu Formação de Professores e Práticas Educativas, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, campus Ceres.

Comum Curricular (BRASIL, 2018) salienta que é preciso avaliar habilidades e competências como bem salienta Rodrigo:

Não se trata mais, como no passado, de restringir a avaliação apenas à verificação dos saberes pelos alunos. Devem ser examinadas também as competências e habilidades relacionadas à articulação dos conteúdos, como, por exemplo no caso da Filosofia, a capacidade de compreender, problematizar e interpretar textos, estruturar logicamente o raciocínio, expressar o pensamento numa redação coerente etc. Além do mais, a avaliação deve englobar o processo educativo em sua totalidade, e não apenas uma parte dele, ou a parte do aluno. Significa que é necessário avaliar também a atuação do professor - as atividades e os procedimentos de ensino desenvolvido com os alunos - visto que a avaliação da aprendizagem e do ensino são indissociáveis. (RODRIGO, 2014, p.94)

Portanto, estabelecer limites, moldes, padrões, nivelamentos e exames para avaliação do pensamento, da fluidez e da assimilação do discente na disciplina de Filosofia seria, sem dúvida, uma atitude desastrosa e nefasta que indubitavelmente distanciaria o aluno da amizade pelo saber e pela construção do conhecimento, prejudicando sua autonomia, criatividade e até mesmo na sua própria identidade.

Por isso, faz-se mister considerar que o processo avaliativo do ensino de filosofia deve servir para que, de modo inequívoco, se estabeleça a construção e acesso ao conhecimento. Daí decorre uma das mais significativas funções do docente: disponibilizar instrumentos que habilitem seu discente a retomar aquilo que não foi alcançado e que ao mesmo tempo estimule, ensine, avalie e ressignifique o processo de aprendizagem. A metodologia dialógica, quer dizer a arte de dialogar e a contextualização, o texto no

contexto são instrumentos que propiciam ao discente a edificação do conhecimento, através de sua própria autonomia, bem como, contribui para a capacidade de questionamento e de argumentação confrontando-a com a realidade, na qual está inserido.

3. A prática de ensino e seus desafios

Ante o exposto, de modo teórico, passamos a descrever os desafios na prática, vividos por este professor de Filosofia, no Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo, em Carmo do Rio Verde - GO.

Ao adentrar-me pela primeira vez nas três salas da 1ª série do Ensino Médio, no ano de 2019, tendo em mãos e na cabeça, o plano de aula, cumprimentei as turmas, me apresentei e comecei a falar sobre o universo da Filosofia, sua etimologia, sua importância para a construção do conhecimento. Nas três salas, senti em meu coração os mesmos sentimentos. Que eu estava ali falando com pessoas que não me ouviam e não interagem. Quando questionei os alunos sobre se eles conheciam ou já ouviram falar de Filosofia, pouquíssimos, talvez uns 6 ou 7 nas três salas, responderam que sim. Após, esforcei-me ao máximo para explicar a eles a importância e a necessidade da Filosofia, na vida acadêmica e na vida social, porém tentativas foram frustradas. Veio-me a tristeza, o descontentamento, e a ansiedade. Questionamentos como: Será que eu não sou um bom professor? Será que não estou conseguindo favorecer o aprendizado do aluno?

Ao preparar as aulas para as referidas turmas, me deparei com um currículo um tanto quanto denso. Por exemplo: O Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás para a 1ª série do Ensino Médio, no primeiro bimestre traz como eixo temático a Filosofia Grega e como objetos do conhe-

cimento: O significado do termo Filosofia. O mito e o logos. O nascimento da Filosofia - teorias sobre o surgimento da filosofia: a ruptura entre o mito e o logos – teoria do milagre grego; a continuidade entre mito e logos; o logos noético. Relação entre o surgimento da Filosofia e o exercício político na pólis grega. O Espanto - hipótese aristotélica do surgimento da filosofia a partir do Espanto. Pré-socráticos: Heráclito: eterno fluxo, multiplicidade e unidade; Parmênides: imobilidade do Ser e aparência. (GOIÁS, 2012) isto é, um currículo robusto, distante da realidade dos discentes que em sua maioria nunca ouviram falar em *Physis, Arché, Ápeiron e Logos*⁴ ou mesmo no próprio conceito de filosofia. Olhava o currículo, imaginava a turma, e assim foi por um bom tempo, tentando escolher qual metodologia utilizar para aplicar aqueles conteúdos. Foi uma dúvida cruel até que, conversando com a coordenação pedagógica, deliberei por aulas expositivas, uso da lousa, atividades impressas, leitura colaborativa. Ao aplicar os planos de aula, novamente vieram as frustrações: os alunos pareciam máquinas, copiavam e respondiam as atividades, algo meramente mecânico. Aquilo me

inquietava, me angustiava, afinal eu sonhava com os alunos questionando, debatendo, expondo problemas, etc.

E por último um dos desafios mais latentes vividos no transcurso das aulas de Filosofia na 1ª série do Ensino Médio foi, ao final do bimestre, elaborar uma prova (exame) para formar a média do bimestre. Foi repassado pela coordenação pedagógica que todos os professores deveriam elaborar as técnicas de provas e entregar na secretaria para a avaliação pelo coordenador pedagógico e impressão. Confesso que fiquei um pouco espantado, por saber que um dos instrumentos avaliativos seria essa prova. Preparei a técnica com cinco tipos de questões sendo três questões de múltiplas escolhas e duas questões discursivas. Nas três turmas que foram aplicadas as provas, a esmagadora maioria acertou somente as de múltiplas escolhas. Já as duas reflexivas, poucos alunos responderam e não conseguiram articular uma resposta lógica e argumentativa. E a partir deste confronto, entre as avaliações que foram entregues pelos alunos e correção surgiu a seguinte dúvida: Afinal, qual o papel do professor?⁵

⁴Termos gregos utilizados pelos filósofos milésios que habitavam a região de Mileto (antiga cidade da Ásia Menor, no sul da Jônia, cuja região atualmente faz parte da Turquia) que resume as suas doutrinas acerca da origem do mundo, a saber: *Physis* princípio da evolução ou do progresso, na natureza, isto é, a natureza enquanto fonte de progresso e evolução. *Arché* a existência de um princípio primordial, ou seja, aquilo que permanece na transformação. *Ápeiron* Termo utilizado por Anaximandro para indicar a mistura que originou todas as coisas, indefinida, indistinta e caótica, a partir da qual foi gerado o mundo tal qual o conhecemos. *Logos* é o termo, segundo Nicola (2005) talvez o mais importante de todo o vocabulário filosófico, mas que não pode ser traduzido facilmente porque contém uma pluralidade de significados ligados entre si: palavra, enunciado, definição, discurso, explicação, cálculo, medida, avaliação, razão, causa, pensamento, necessidade, e outros mais. E que foi usado por Heráclito, que permaneceu na história da filosofia como o filósofo do devir, como elemento que governa o mundo, que consiste no pensamento e que é o princípio de tudo e que regula o funcionamento do cosmo.

⁵Desde de petiz, aprendi com minha mãe, professora da Educação Infantil, que o papel do professor era ensinar e o papel do aluno estudar, ou seja, algo meramente mecânico. Ao ingressar na escola, e posteriormente no ensino superior pude compreender que o papel do professor não é único e exclusivo de ensinar, mas sim, ir além do ato de ensinar ou como pondera Freire: “Educar é impregnar de sentido aquilo que fazemos a cada instante” (FREIRE, 1996, p.20). Na faculdade de Filosofia, aprendi que, no processo de ensino aprendizagem, o professor é um verdadeiro estimulador dos conhecimentos de seus discentes. Pois, como já mencionamos no início deste trabalho, a alma de quem aprende deve ser cultivada por meio de hábitos que introduzem quem aprende a gostar e a desgostar acertadamente, à semelhança da terra que deve nutrir a semente. (ARISTÓTELES, 1992, p. 195). Assim, o professor assume o papel de mediador entre o conhecimento teórico e prático, cultiva a semente do saber e estimula o seu crescimento. Deste modo, infere-se que o professor é um jardineiro que cultiva a semente do saber, regando-a com as águas da sensatez e adubando-a com os adubos da constância.

(...) A Filosofia pode ser, na instituição, este lugar onde se reverta o fundamento da autoridade do saber, onde o sentimento justo da ignorância apareça como a verdadeira superioridade do mestre: o mestre não é aquele que sabe e transmite; ele é aquele que aprende e faz aprender, aquele que, para falar a linguagem dos tempos humanista, faz seu estudo e determina cada um a fazer por sua conta. A filosofia pode ocupar este ponto de reversão porque ela é o lugar de uma verdadeira ignorância. Todos sabem que desde o começo da filosofia, os filósofos não sabem nada, não por falta de estudos ou de experiências, mas por falta de identificação. Também o ensino da filosofia pode ser este lugar onde a transmissão dos conhecimentos se autoriza a passar algo mais sério: a transmissão do sentimento de ignorância. (GALLO; GENIS apud RANCIÈRE, 2015, p.109)

Na transcurso da Filosofia, o sublime ofício do professor, parte do sentimento de ignorância nascido do diálogo entre discente e docente, com o confronto entre posições teóricas e visões de mundo diferentes, que sempre nos coloca numa caminhada de busca, de questionamentos, de abertura para o desconhecido. Como bem apregoou Sócrates que o mais considerável em se aproximar da verdade é reconhecer que nada sabemos e a partir daí fornecer elementos para a construção do conhecimento.

Desta feita, pode-se aferir que o papel do professor é ter o domínio dos objetos de conhecimento e que diariamente adquire outros saberes e ao mesmo tempo, que pode até parecer diametralmente oposto, mas não o é, o professor é aquele que ao falar a linguagem de seu próprio contexto vai construindo e fazendo aprender aquele que aprende, e ao fazê-lo vai dando sentido ao seu ofício de docente, como enfatizou Gallo e Kohan (2000).

Concomitantemente, Freire salienta:

Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da “formação” do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. (FREIRE, 1996, p.13).

E assim, em Freire o processo da formação de quem forma (o docente) deve ser permanente e contínuo, pois, quem forma se forma e reformula, corroborando com Rancière, como pontuamos anteriormente, no qual o professor é tido como aquele que aprende e faz aprender.

4. O ensino de Filosofia e pandemia

No dia 31 de dezembro de 2019, a República Popular da China reportou à Organização Mundial da Saúde (OMS) uma “pneumonia de causa misteriosa” que atingia a cidade de Wuhan e começou a se espalhar pelo território chinês. No dia 30 de janeiro de 2020 a OMS definiu o Estado de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. Em março de 2020 a OMS reconheceu que a COVID19, infecção causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), tratava-se de uma situação de pandemia, quando uma doença infecciosa afeta um grande número de pessoas espalhadas pelo mundo. (GOIÁS, 2020, p. 1).

Diante do quadro pandêmico da COVID-19, as escolas, por medidas de segurança e preservando a saúde dos docentes e discentes, bem como, de seus familiares, foram por força de decretos estaduais e municipais ordenadas a suspenderem as aulas presenciais. Diante da pandemia, sem saber o que fazer

e como fazer, alguns estados e municípios adotaram o Regime Especial de Aulas Não Presenciais (RE-ANP), ou seja, o ensino de forma remota. Começava aí um enorme desafio para todos, tanto para professores quanto para alunos.

No que tange à docência, tantos os jovens professores sapientes em tecnologias digitais, bem como os mais experientes, ninguém sabia lidar de forma clara e objetiva com o novo modelo de ensino, aulas virtuais, *google forms*, *google meet*, *classroom*, etc. Os docentes tiveram que agir na urgência e decidir na incerteza, de modo que, foram garimpando meios e formas para garantir o mínimo necessário no processo de ensino, mesmo em meio a pandemia da COVID-19.

Enfim, do ensino público ao particular, com a pandemia, professores e alunos foram impulsionados a ressignificarem seus papéis no processo educacional. Os alunos transformaram suas casas em salas de aula e os professores transformaram suas casas em estúdios de gravação. Ambos se adaptando à nova realidade educacional, ora imposta.

Nesta nova realidade de ensino aprendizagem, tanto entre docentes e discentes elencamos inúmeros desafios, entre eles: isolamento e quarentena; temor pelo risco de adoecimento e morte; desemprego; aulas remotas, que não supera o modelo tradicional de ensino; o não saber lidar com esse novo modelo de ensino e a necessidade de uma formação continuada; a sobrecarga de trabalho dos docentes; limitação de gestos afetivos como aperto de mão, abraços; distanciamento; restrição de momentos de convívio social, cultural e até mesmo familiar; tristeza, desânimo, angústias, ansiedade, perdas de parentes ou amigos para um inimigo invisível.

Entre os muitos desafios enfrentados no processo de ensino de Filosofia, impostos pela pandemia, cremos que seja um dos mais latentes é o limite criado entre o professor e o aluno pela barreira tecnológica. O processo de ensino da Filosofia, pode ser considerado uma arte de diálogo, enquanto fala, postura corporal e presença física. Ao passo que com os novos instrumentos de ensino, cria-se de certo modo uma barreira física, que impede essa relação de diálogo e ao mesmo tempo de sincronia entre professor e aluno, uma vez que para o alcance do saber, se faz de suma importância esse diálogo, correndo o risco de produzir uma diacronia estrutural no processo de ensino aprendizagem.

Outro grande desafio, em face da pandemia, e de cunho socioeconômico é a necessidade de discentes serem obrigados, pelo próprio contexto, a trabalhar, seja no âmbito social, seja nos afazeres domésticos. Uma vez que todas as famílias foram atingidas direta ou indiretamente pela crise sanitária e econômica que ora vivemos. Pais e mães perderam empregos ou reduziram a carga horária de trabalho, e os filhos são postos aos afazeres domésticos, ou mesmo ao trabalho remunerado para complementar a renda. Este desafio se torna latente, pois, deixa uma lacuna no processo formativo do discente uma vez que, é preciso trabalhar durante o dia e realizar as atividades escolares no período noturno, quando o corpo já está cansado e não encontrando forças para a rigurosidade disciplinar.

Por outro lado, temos a questão da má qualidade do fornecimento de *internet* no Brasil, sobretudo nas cidades dos interiores. É uma verdadeira escassez. Além disso, a crise pandêmica trouxe a lume aquilo estava sob nossas barbas⁶ e não vimos, a desigualdade

⁶Referência ao dito popular do interior goiano: “passou debaixo de nossas barbas e não vimos” quer dizer que não se percebeu; não foi observado, não notado.

de educacional, econômica e social. A saber: Quando três ou quatro discentes de uma mesma casa, precisam utilizar o mesmo aparelho para realizar as atividades, uma vez que, os pais não detêm condições para adquirir um para cada discente.

Outro desafio que se impõe e que afeta certamente no comprometimento do processo de ensino-aprendizagem, é a falta de motivação, o próprio contexto da pandemia e os fatores de ordem psíquico e emocional que vão subtraindo a assiduidade e o compromisso do aluno com a disciplina e o rigor de seus estudos, gerando assim, uma grade de dificuldade para se construir um diálogo do docente com seu discente, uma vez que, como já mencionamos o ensino de Filosofia é dialético.

Da mesma forma, outro aspecto observado durante o período de Regime Especial de Aulas Não Presenciais é a escassez de recursos humanos, pedagógicos e materiais para ministrar aulas. Nem todos os docentes compreendiam o manuseio das novas tecnologias, do mesmo modo, que nem todos os docentes mais experientes aceitavam ser instruídos pelos mais jovens. Ministrar aulas nesse período foi uma atividade muito mecânica, na realidade eram observados os seguintes passos: preparar planos de aulas, inseri-los no sistema, preparar *slides*, gerar links para webconferências, gravar vídeo aula, ministrar aula pelas plataformas digitais como: *google meet*, *Zoom*, *Hangouts* enquanto a comunicação se dava praticamente pela plataforma *WhatsApp* e por fim, disponibilizar questionários elaborados no *google forms*. As primeiras vezes ao ministrar aulas pela plataforma *google meet* senti que estava conversando sozinho com o meu *notebook*, pois os alunos, mesmo quando solicitados, não ativavam seus microfones e nem suas câmeras, outras vezes a conexão era perdida e sem dar conta ficava longos minutos conversando literalmente com a tela do computador.

Contudo, mesmo com os desastres provocados pela pandemia ainda pode-se olhar algumas luzes no fim do túnel, no que concerne ao campo do ensino-aprendizagem, a saber: vídeo-aula, interação pelo *WhatsApp*; os questionários online: *Google Forms*, Atividades postadas no *Instagram*; troca de mensagens, áudios, vídeos explicativos gravados pelos próprios professores, webconferência, vídeos chamadas pelo *google meet*; valorização da interação e das aulas presenciais; equipes pedagógicas, alunos e famílias se inseriram na cultura digital, que foram formas as quais minimamente supriram as necessidades de nosso tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente artigo, foi possível conhecer os desafios do processo de ensino de filosofia, bem como, o contexto em que eles foram apresentados. Assim, efetivamente, foi possível identificar os desafios, descrever as dificuldades enfrentadas pelos docentes e discentes e analisar o processo de ensino de Filosofia na 1ª série do Ensino Médio.

Destarte, diante das mais variadas interpretações de desafios, ora recorrentes, ora impostos pelo próprio contexto, o presente trabalho procurou compreendê-los, à luz da atualidade. Com isso, surgem novos horizontes para pesquisas, entre eles: o ressignificar das práticas metodológicas; a promoção do caráter reflexivo dos discentes diante do seu processo de aprendizagem, utilizando as novas tecnologias como uma possibilidade para o ensino de Filosofia.

Ademais, frente aos emaranhados desafios encontrados, se faz improrrogável que, nós enquanto docentes, empenhamos ao máximo para diminuir as desigualdades educacionais dos discentes em prol da aprendizagem de todos. Estejamos atentos a fim

de mitigar os riscos de evasão escolar, sobretudo no contexto pandêmico de aulas não presenciais e acolher nossos discentes fraternalmente de modo a atenuar os impactos provocados pela pandemia do novo coronavírus.

Assim, não podemos nos esquecer que, diante de todas as barreiras, o professor é aquele que abre caminhos para os seus discentes. Por outro lado, o

professor é (ou devia sê-lo) aquele que na medida que é confrontado com os problemas e desafios da sua realidade é impulsionado à reflexão, e a um abrir-se a ressignificação, num esvaziar-se de si mesmo para identificar, problematizar e deliberar sobre os novos rumos a seguir no sagrado ofício de mediar o processo de ensino, na esperança de um dia exclamar: “*Veni, Vidi, Vici*”⁷.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 2. Ed. Brasília: Edunb, 1992. 195 p.

BRAIDA, Celso Reni. “Ensino de Filosofia e sensibilidade à ocasião”. In: NOVAES, José L.

C. (org.). *Filosofia e seu ensino: desafios emergentes*. Porto Alegre: Sulina, 2010. 11 p.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

_____. *Orientações curriculares para o ensino médio: Ciências Humanas e suas tecnologias/ Secretaria de Educação Básica*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2006.

_____. *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CAMPANER, Sônia. *Filosofia: Ensinar e Aprender*. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

DEMÓCRITO, de Abdera. *Fragmentos*. In: *Os pré-socráticos, Fragmentos. Doxografia e Comentários*. São Paulo: Abril Cultura, 1996. Pág. 264-302.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

⁷Vim, Vi, Venci. Tradução livre. Máxima atribuída a Júlio César, general e cônsul, proferida ao senado romano, narrando sua vitória na Batalha de Zela, sobre Fárnaques II do Ponto. A referida máxima serviu para anúncio da vitória, bem como, alerta ao senado de seu poder. No presente artigo, tendo em vista, a força de guerreiro que existe em cada docente, de enfrentar a cada dia um novo desafio, bem como, a capacidade de ressignificar e de ser resiliente, deliberei por assim utilizá-la.

GALLO, Sílvio; KOHAN, Valter O. *Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio*. Petrópolis: Editoras Vozes, 2000.

_____, GENIs, Andrea Díaz. *Filosofia da Educação, exercícios espirituais e a arte da existência*. Educação em Foco, Juiz de Fora-MG. 2015.

GOIÁS, Secretaria de Estado da Saúde. *Protocolo de Biossegurança para Retorno das Atividades Presenciais nas Instituições de Ensino do Estado de Goiás, 2020*. Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/files//banner_coronavirus/Protocolos/Protocolo%20de%20retorno%20as%20atividades%20presenciais%20nas%20institui%C3%A7%C3%B5es%20de%20ensino%20de%20Goi%C3%A1s.pdf>. Acesso em: 12, jan. 2021.

GOIÁS, Secretaria de Estado da Educação. *Currículo referencial para o ensino médio*. 2012.

HEGEL, G. W. F. *Introdução à História da Filosofia*. Tradução de Joaquim Nabuco. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores)

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. *A formação continuada de professores e novas Tecnologias*. Maceió-AL. EDUFAL. 1999.

NICOLA, Ubaldo. *Antologia ilustrada de Filosofia das origens à idade moderna*. São Paulo. Editora Globo. 2005.

ROCHA, Ronai P. da. “Ensino de Filosofia e sensibilidade à ocasião”. In: NOVAES, José L. C. (org.). *Filosofia e seu ensino: desafios emergentes*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RODRIGO, Lídia Maria. *Filosofia em sala de aula teoria e prática para o ensino médio*. Campinas: Autores Associados, 2014.

SCHUTZ, Jenerton Alan. SCHWENGBER, Ivan Luís. *Sobre a ensinabilidade e a aprendizibilidade da filosofia: reflexões acerca da especificidade do exercício filosófico*. *Filos. e Educ.*, Campinas, SP, v.10, n.2, p. 331-349, maio/ago. 2018.

SOUZA, Kairon Pereira de Araújo, *A Filosofia no Ensino Médio: alguns desafios*, *Revista Espaço Acadêmico*, v. 17, n. 195, p. 70–81, 2017.

VAZ, Érica Luana de Lara. 2015. *Desafio de ensinar para o ensino médio*. Disponível: <<https://hdl.handle.net/1884/50764>>. Acesso em: 10 jan. 2021.